

JUDEUS PORTUGUESES NO MUNDO

MEDICINA E CULTURA

Organização
Virgínia Soares Pereira
Manuel Curado

JUDEUS PORTUGUESES NO MUNDO
MEDICINA E CULTURA

Organização: Virgínia Soares Pereira / Manuel Curado

Capa: António Pedro

Edição: Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho

© Virgínia Soares Pereira | © Manuel Curado

© Edições Húmus, Lda., 2014

End.Postal: Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Tel. 926 375 305

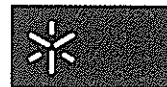
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.ª edição: Julho de 2014

Depósito Legal n.º: 377307/14

ISBN: 978-989-755-046-1



Universidade do Minho
Centro de Estudos Lusíadas

húmus

Índice

- 7 Nótula de apresentação
Virgínia Soares Pereira
- 11 Em jeito de prólogo
Manuel Curado
- I. VULTOS DA MEDICINA**
- 25 **Dionísio e Amato Lusitano: encontros e desencontros de dois médicos no exílio**
António Andrade
- 39 **Os requisitos do médico perfeito segundo Rodrigo de Castro**
Adelino Cardoso
- 53 **De Goa para o mundo: viagem de *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta**
Teresa Nobre Carvalho
- 75 **O despatriado Ribeiro Sanches na terra dos czares: débitos e créditos**
Fernando Machado
- 111 **Medicina e humanismo na obra de Amato Lusitano**
J. A. David de Morais
- 159 **Reflexões sobre a diáspora dos médicos judeus portugueses**
João-Maria Nabais
- 179 **Leão Hebreu, médico e filósofo português no renascimento italiano**
James Nelson Nova

II. QUESTÕES DE CULTURA

- 193 **Diogo Pires, judeu e poeta por rotas da Europa quinhentista**
Carlos Ascenso André
- 211 **Joaquim de Carvalho: da memória judaica ao esquecimento da Shoah**
Paulo Archer de Carvalho
- 235 **Um cólofon enigmático do Século XIX português:
As Viriadas, o maior poema épico da Sefarade**
Manuel Curado
- 273 **A Distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos e a questão judaica em Portugal:
representações e posições**
Cristiana Lucas da Silva e José Eduardo Franco
- 285 **António Carvajal (Carvalho) e António Robles – a saga de beirões judeus**
Maria Antonieta Garcia
- 305 **Aspectos da filosofia hebraico-portuguesa**
J. Pinharanda Gomes
- 315 **Marranismo, cultura e identidade**
Jorge Martins
- 325 **Exame, interrogação e erro em Francisco Sanches**
Rui Bertrand Romão
- 343 **Colaboradores**
- 353 **Índice onomástico**

NÓTULA DE APRESENTAÇÃO

O Centro de Estudos Lusíadas, Unidade Cultural da Universidade do Minho, tem por missão estudar e divulgar a cultura portuguesa no mundo lusíada. No sentido de continuar, como tem feito anualmente, a dar cumprimento a esta sua obrigação estatutária, realizou, no ano de 2012, um Colóquio e um Ciclo de Conferências dedicados ao tema *Judeus Portugueses no Mundo: Medicina e Cultura*.

Sem se alhear da problemática do judeu errante e perseguido, sem ignorar estes aspectos mais sombrios da história ocidental, o objectivo primacial do Colóquio e das Conferências – importa referi-lo – foi o de dar a conhecer figuras maiores da nossa história e, desse modo, contribuir para uma futura história da ciência e cultura portuguesas de origem judaica.

Vêm agora a lume os textos então proferidos. Eles contemplam a obra científica e cultural de notáveis judeus portugueses e reflectem sobre a forma como se projectou no mundo a ciência e o pensamento de tantos autores - e foram muitos, de facto -, filósofos, médicos e humanistas, homens de cultura em geral, que se viram forçados a abandonar o país, por motivos religiosos, já desde o longínquo século XV até tempos mais recentes.

Ao longo do volume tem o leitor ocasião de revisitarem as principais questões que se levantam quando se faz a história da vida e do pensamento desses insígnies portugueses. Assim, são objecto de estudo e revisitação figuras de reconhecida estatura intelectual, como Amato Lusitano, Garcia de Orta, Diogo Pires, Rodrigo de Castro, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Ribeiro Sanches, e tantos outros que, enfrentando o exílio, foram admirados, fora do país, pelo seu talento e aí contribuíram para o desenvolvimento da filosofia, da medicina, da ciência e da cultura. Muitos, sobretudo a partir do século

EXAME, INTERROGAÇÃO E ERRO EM FRANCISCO SANCHES

Rui Bertrand Romão
(Universidade do Porto)

Dedicando-se o presente livro ao tema “Judeus Portugueses no Mundo: Medicina e Cultura,” para mais publicado em Braga, local onde seguramente Francisco Sanches foi baptizado, surge este com naturalidade como figura de referência difícil de contornar.

Antes de entrar no âmago do tema que o título anuncia, farei um breve excuro sobre controversas questões biográficas relativas a Francisco Sanches, afinal, atinentes à sua correcta consideração enquanto médico cristão-novo português que se notabilizou fora da Península Ibérica.

Ao invés do que, há não muito tempo, opinou Manuel Ignacio Bermúdez, não parece credível que, na verdade, “a questão da análise biográfica ha[ja] limitado o destino historiográfico” de Sanches.⁽¹⁾ Pode-se, com toda a legitimidade, considerar proporcionalmente excessivo o número de escritos que se pronunciam sobre aspectos da vida do Autor face aos textos onde se lhe estuda a obra,⁽²⁾ mas isso não significa que a atenção a esta tenha sido directamente

¹ M. I. Bermúdez Vázquez, *La recuperación del escepticismo en el Renacimiento como propedéutica de la filosofía de Francisco Sánchez* (Madrid, Fundación Universitaria Española, 2006), pp. 139 ss.

² Não posso deixar de subscrever a opinião que, ainda hoje (se bem que de há uns 15 anos a esta parte tenha havido um assinalável recrudescimento do interesse pelo nosso autor) a quantidade de escritos, tanto interpretativos como reflexivos e comentarísticos, sobre a obra e o pensamento de Francisco Sanches acha-se muito aquém do que estes mereciam. Em todo o caso, não me

desviada por muito se focar aquela. De resto, parte significativa dos autores que abordaram as ditas questões biográficas não se propunham fazer exegese da obra sanchesiana.⁽³⁾ Deve-se, antes, atender às infelizmente numerosas repetições que abundam tanto nos textos propriamente biográficos e historiográficos, como, mesmo, nos mais raros que são estritamente filosóficos, sobre o médico luso, e à falta de originalidade frequente na sua abordagem.⁽⁴⁾ Frise-se também que não se tem descoberto nenhum documento histórico relevante sobre ele desde há mais de meio século e que raras são as interpretações que algo de novo adicionam às precedentes. Acresce que a exagerada preocupação biográfica (de que, aliás, padece mais Bermúdez que muitos outros que ultimamente têm escrito acerca do Bracarense) afinal deve-se sobretudo à circunstância de pouco se saber acerca da vida de Sanches.⁽⁵⁾ Para mais, esse pouco que se conhece baseia-se, quase todo, em fontes ou demasiado lacó-

parece haver exagerado número de textos que se debrucem sobre aspectos biográficos seus, em especial surgidos nas últimas quatro décadas.

- ³ Não é expectável de um historiador que analise os documentos sobre Sanches constantes dos Arquivos franceses sobre a sua carreira universitária, em Montpellier ou Toulouse, por exemplo, que apresente uma reflexão sobre pormenores da concepção de filosofia natural sanchesiana.
- ⁴ Este, creio, é o maior problema na bibliografia secundária sobre Sanches, incluindo muita da mais recente: a circunstância de se retomarem constantemente ideias e interpretações repetidas à exaustão, desprezando-se o que surge de inovador. Bermúdez e Caluori ("The scepticism of Francisco Sanchez," *Archiv für Geschichte der Philosophie*, 89 (2007) pp. 30-46) são bons exemplos desta pecha. Nada de novo acrescentam ao que antes deles por outros foi publicado, mesmo quando se reclamam disso. Caluori (que, depois, assinou com Kaspar Howald a tradução do texto original numa boa edição bilingue latino-alemã do *Quod Nihil Scitur*, em que é de relevar, aliás, a longa introdução devida a Howald, a qual, embora com algumas lacunas, se mostra infinitamente superior ao modesto artigo do colega: Franciscus Sanchez, *Quod nihil scitur. Das nichts gewusst wird*, Hamburgo, Felix Meiner Verlag, 2007) exagera, pois mostra uma ignorância quase completa do que se escreveu sobre Sanches em português, espanhol, francês e italiano, após 1955, e uma muito limitada do publicado em inglês, o que faz com que apresente como inovadora uma leitura em que repete o que outros melhor que ele, e muito antes, por vezes, haviam escrito sobre o assunto, nomeadamente Fernando Suárez (F. Suárez Dobarrío, *Francisco Sanchez y el escepticismo de su tiempo*, Orense, Caja de Ahorros Provincial, 1988) e Rui Bertrand Romão (R. B. Romão, "Francisco Sanches – *That nothing is known (Quod nihil scitur)*," *Argumento*, 1 (1991), pp. 93-103; "Le style philosophique du *Quod Nihil Scitur* de François Sanchez (1581)," in B. Curatolo e J. Poirier, dir., *Le Style des Philosophes* (Dijon e Besançon, Éditions Universitaires de Dijon e Presses Universitaires de Franche-Comté, 2007), pp. 37-44; e, sobretudo, o livro *Quid? Estudos sobre Francisco Sanches*, Porto, Campo das Letras, 2003).
- ⁵ Opinião adversa a esta nossa, a qual, aliás, se assemelha à emitida há mais de meio século por Joaquim de Carvalho, aparenta ser a expressa por Veríssimo Serrão num seu notável estudo, cf. J. Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Toulouse* (Coimbra, Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1954), p. 160. Tem de se ter, porém, em conta que o historiador emite aqui tal opinião num âmbito fundamentalmente comparativo, confrontando a existência de documentação acerca

nicas (incidindo em sua maioria sobre episódios de carácter mais ou menos oficial, como as dos alguns dispersos registos burocráticos que até nós foram chegando), ou de restringida fidedignidade. Entre estes conta-se o texto que transmitiu a esmagadora maior parte das notícias que possuímos a respeito de Sanches: a breve, parcelar e parcial biografia encomiástica que lhe dedicou o discípulo Raimundo Delassus, à laia de prefácio dos *Opera Medica*, à qual Joaquim de Carvalho judiciosamente chamou de "panegírico."⁽⁶⁾ Pelo mesmo carácter do género funcional a que pertence, pela sua brevidade e incompletude e por manifestas lacunas e imprecisões na informação dispensada, constitui um documento pouco esclarecedor. Ora acontece que os enigmas não apenas alimentam as controvérsias como propiciam as especulações.

Em qualquer dos casos, tem-se por determinado que, havendo-se deslocado, ainda adolescente, da terra pátria para a França meridional, Sanches fixou-se nessa região o resto da vida, excepção feita do período compreendido entre 1569 e 1573, durante o qual cumpriu um périplo de estudos por Itália. Diz a esse respeito Delassus: "Saído da puberdade e impelido pelo desejo de viajar, correu os primeiros riscos da fortuna, imitando esses notáveis próceres primevos da medicina, Hipócrates, Galeno e os seus continuadores, Alexandre de Trales e Paulo de Egina."⁽⁷⁾ A data mais plausível em que o pai, António Sanches, também médico (segundo os testemunhos do próprio filho e de Delassus, havendo-se de igual modo notabilizado enquanto tal) emigrou com a família para Bordéus terá sido por volta de 1562, quando o futuro autor do *Quod Nihil Scitur* contaria onze anos de idade.

Desde relativamente cedo, relacionou-se esta emigração com a possibilidade da ascendência judaica do físico. Tratar-se-ia António Sanches muito provavelmente de um cristão-novo cripto-judaico, circunstância assaz comum entre os médicos ibéricos quinhentistas e que se coaduna perfeitamente com o exílio, bem como com a expressão (na verdade, bem vaga e pouco elucidativa) empregue por Delassus, ao referir-se à sua emigração, "*ex incerta occasione*," ou seja, "por ocasião incerta," ou, em tradução livre, "por

de Sanches com a respeitante a outros portugueses coevos que também deixaram vestígios da sua passagem por Toulouse.

- ⁶ J. de Carvalho, "Os *Opera Philosophica* de Francisco Sanches," in *Obra Completa*, vol. I (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981), p. 506 [1955].
- ⁷ R. Delassus, "De Officio Medici. Sive de Vita Clarissimi Viri Domini Francisci Sanchez," in F. Sanches, *Opera Medica*, é [nossa tradução].

ocasião de incerteza.” Com alguma fantasia, poderíamos imaginar que aqui o discípulo não terá resistido a consagrar na própria vida do mestre a noção de incerteza que aparenta tanto lhe haver determinado a obra. Parece-nos, porém, que, em vez disso, ele quis dar ênfase juntamente ao mistério a envolver a saída de Portugal da família Sanches e à insegurança que a envolveu, bem como ao infortúnio e aos riscos que a determinaram.

Apesar de a maior parte dos comentadores e historiadores da filosofia que sobre o assunto se têm debruçado haverem subscrito a tradição que afirma a ascendência judaica de Sanches, primeiro explicitada por Guy Patin em 1701, não tendo sido antes especificamente revelada por Delassus (em boa verdade, deve-se dizer que não haveria razões para que ele abertamente a pronunciasse ao tempo em que escrevia e que, como se depreende do dito no parágrafo anterior, ele implicitamente a ela se refere ao utilizar a expressão que comentámos), não deixa de haver algumas vozes discordantes, como as de Rocha Brito, Veríssimo Serrão e Garriatano, que contra ela se pronunciaram.

De um ponto de vista estritamente científico, dada a inexistência de documentação coetânea do Autor que em definitivo comprove ou invalide a hipótese da ascendência judaica de Sanches, a posição de neutra prudência adoptada por Joaquim de Carvalho, desenvolvida na sua introdução à edição latina dos *Opera Philosophica sanchesianos*, poderia surgir aos olhos de muitos como, porventura, a mais consentânea com o escrúpulo académico.⁽⁸⁾

Deve-se, em todo o caso, realçar que, se não há nenhum depoimento anterior a 1701 que ateste tal ascendência, tão-pouco nesse período algum há que a devesse contestar, sendo que o mais antigo testemunho sobre o assunto consiste no de Patin. Sublinhe-se, ademais, que a probabilidade da ascendência judaica de Sanches se mostra muitíssimo mais elevada que a da sua inexistência, atendendo, além do mais, a razões circunstanciais. As já citadas efectivamente são de peso, a começar pelo simples facto de Francisco Sanches ser filho de um médico que emigrou em meados do século XVI com a família toda para Bordéus, por motivo desconhecido, emigração mais fácil de explicar por esta do que por qualquer outra razão. Acresce que o nosso autor possuía um considerável número de parentes no Sul de França e em Itália (entre os quais, um de Lisboa, de quem ele fala na obra médica)

⁸ Eu próprio, por estas razões, adoptei uma posição próxima da de Carvalho, falando da ascendência judaica de Sanches como uma “hipótese muito provável,” cf. R. B. Romão, *Quid? ...*, p. 11.

ligados a actividades e a círculos hebraicos e cristãos-novos. E precisamente as cidades de Bordéus e de Toulouse, onde ele e a sua família se fixaram em alguma altura, contam-se entre aquelas onde a comunidade judaica de emigrados da Península Ibérica se achava mais arreigada.

Além disso, tem de se relevar que o testemunho de Patin, que diz claramente que Sanches era “um médico português ... cristão, filho de pais judeus” não é negligenciável, ao invés do que o considera, entre outros, o próprio Joaquim de Carvalho.⁽⁹⁾ Uma circunstância em que não me recordo de qualquer comentador ter reparado a respeito desta nota consiste em que, embora haja sido apenas dada à estampa em 1701, representa afinal um testemunho precioso de um contemporâneo de Sanches, pois a publicação é póstuma, o médico e escritor Guy de Patin tendo vivido entre 1601 e 1672. Poderá, inclusive, tanto quanto creio saber-se, ele haver conhecido Sanches pessoalmente. A circunstância de errar por um ano a idade com que morreu o Bracarense não nos parece suficiente para impugnar as demais informações que dá, de entre as verificáveis das quais só uma não é exacta. Estes motivos fazem com que as reservas levantadas a tal tradição, nomeadamente as devidas a dela, em rigor, não haver subsistido explícita documentação formulada ao tempo do autor (circunstância que, aliás, simples razões de prudência chegam para justificar), se mostrem, em boa verdade, superáveis sem grande dificuldade.

Em todo o caso, se a ascendência judaica de Sanches nos parece, assim, praticamente certa, poderá ser precipitado tirar ilações dela que nos autorizem, na interpretação da sua obra e pensamento a, sem mais, dar por estabelecida a insinceridade da sua assumida fé católica, excepto se o fizermos com base numa argumentação sólida como, por exemplo, a empregue por Leo Strauss a propósito de Espinosa.⁽¹⁰⁾

Em contrapartida, a admissão da condição de cristão-novo não levanta questões nenhuma quanta à franqueza das declarações do Autor a respeito de religião, possibilitando a leitura de uma coexistência pacífica de elementos judaicos e cristãos presentes na sua obra e no seu pensamento, como, aliás, sucede a respeito de muitos outros filósofos e médicos quinhentistas ou seiscentistas de origem ibérica.

⁹ *Naudeana et patiniana ou singularités remarquables, prises des conversations de Mess. Naudé et Patin* (Paris, Florentin et Pierre Delaune, 1701), pp. 72-73.

¹⁰ Cf. Leo Strauss, *Persecution and the Art of Writing* (Chicago, The University of Chicago Press, 1988 [1ª ed., 1952]), pp. 142-201.

Uma vez feitas estas observações, há que reconhecer que tanto esta simples admissão como a interpretação de Sanches enquanto cripto-judaico podem ajudar a explicar muitos dos mistérios que envolvem a sua biografia como elementos destinados a compor uma espécie de muralha de protecção.⁽¹¹⁾

Creio que a eventual circunstância de Sanches não pretender levantar dúvidas simultaneamente sobre a sua adesão religiosa (fosse esta de que tipo fosse, genuína ou não) e sobre a sua pertença à grei cristã poderia mesmo contribuir para refutar o argumento aparentemente menos frágil alegado pelos Espanhóis no intuito de lhe atribuírem a sua nacionalidade: o que concerne a declaração de Sanches (feita em Montpellier em 1573) segundo a qual ele veio à luz na cidade de Tui. Em primeiro lugar, o valor de testemunho desse documento é menos forte do que o que comprova o local do seu baptismo. Talvez interessasse a Sanches ali dizer-se nascido nessa cidade fronteiriça (e, em especial no século XVI, a itinerância da família de um médico tem de ser tomada em consideração), onde há mais tempo que na vizinha Valença a comunidade judaica se tinha convertido quando não fora expulsa, para não dar argumentos a seus eventuais adversários que mostrassem a sua falta de, na expressão inquisitorial da época, “limpieza de sangre.” Poderia haver outras razões circunstanciais que o levassem, naquela única ocasião em que o fez, em Montpellier, a apresentar-se como tudense. O que é certo é que os pais de Sanches fizeram questão de o baptizar em Braga e não em Tui, ou noutra localidade galega, sendo que desde o século XIV essa cidade não estava vinculada à diocese de Braga.⁽¹²⁾ Em todo o caso, na Europa do século XVI era bem mais importante o local escolhido para o baptismo que o preciso lugar onde circunstancialmente se nascera. Ademais, e para arredar de vez a defesa da nacionalidade espanhola de Sanches, deve-se ter em conta que, vindo à luz de um ou de outro lado do rio Minho, o ilustre filósofo e médico tinha todo o direito de se reclamar (como o fez em muitas ocasiões) “lusitano.” Os espanhóis que discutem esta questão e decidem pela nacionalidade espanhola do autor esquecem-se também que

¹¹ Deve-se aqui acrescentar que se argumentos a respeito da sinceridade religiosa de Sanches têm sido bastamente invocados, também se deve dizer que uma análise textual atenta do *Quod Nihil Scitur* revela indícios de duplicidade.

¹² Assim, chegaram alguns intérpretes, na esteira de Severiano Tavares, a identificar Tui com Valença do Minho (pois há traços na Idade Média de uma nomeação tradicional desta como “Civitas tudensis”) ou com uma localidade vizinha de nome parecido, Tuido.

no século XVI a identidade histórico-cultural galaico-portuguesa poderia sobrepor-se à de uma Espanha centrada em Castela, com que não muito antes o Reino de Aragão (de que dependia o território galego) se fundira, no espírito da maioria dos galegos (e convém não esquecer as então ainda recentes tentativas independentistas galegas). De resto, tem de se assinalar como anacrónico projectar retrospectivamente para 1573 os critérios de determinação de origem natal contemporâneos nossos. Sanches era reconhecidamente filho de pais portugueses, considerado explicitamente como luso pelo seu discípulo dilecto e implicitamente pelos seus filhos, disse-se várias vezes oriundo de Braga, cidade em que foi baptizado e cresceu e os contemporâneos que se lhe referem (ainda que, por vezes, em testemunhos posteriores à sua morte) declaram-no lusitano.

Uma vez rebatidos os frágeis argumentos em favor da consideração de Sanches como espanhol (embora válida seja a sua designação como hispânico, pois todos os portugueses então poderiam assim ser chamados, tal como hoje por vezes nos dizemos ibéricos) e contrapostos aos que defendem que ele era português, verifica-se um peso tão desigual (um único documento que diz que ele nasceu numa cidade galega na fronteira com o Reino de Portugal, contra muitos outros que, entre outras coisas, comprovam que ele se dizia lusitano⁽¹³⁾) que faz com que, na actualidade, a esmagadora maioria dos comentadores do autor que não são nem portugueses nem espanhóis optam pela sua lusitanidade.

De entre os médicos judeus portugueses a exercer clínica, e a ensinar e escrever sobre filosofia (entendida na abrangente acepção da época, sobretudo no que se refere ao seu magistério tolosano) e medicina na França meridional de final de 1500 e das primeiras décadas de 1600, Sanches destacou-se pelo fulgor, pela acutilância, pelo tom incisivo e pelo cepticismo. Os contemporâneos conheciam-no como “o céptico.” Em abono da verdade, deve-se dizer esse cognome permitia destrinchá-lo do seu homónimo coevo, igualmente ibérico de projecção internacional, que escreveu sobre retórica, essoutro também designado por um cognome, no seu caso, o de Brocense, pois era oriundo de

¹³ Dos documentos assinados por Sanches, um o diz tudense contra três que o declaram bracarense. Ademais, há que considerar a asserção do discípulo Delasso na curta biografia que acompanha a edição póstuma dos *Opera Medica*, feita ao seu cuidado e do dos filhos de Sanches, em que ele aparece como português e bracarense. Deve tentar-se compreender e explicar a excepção e não a encarar como invalidando todos os documentos que aparentemente não coincidem com ela.

Brozas. Em todo o caso, se daquela maneira o nomeavam era porque no seu entender ele aparecia como figura emblemática desse tipo de pensamento.

Os elementos referidos no título deste artigo, “exame, interrogação e erro,” afiguram-se essenciais para uma compreensão do pensamento sanchesiano que tenha em conta a conjugação da sua variante própria de cepticismo filosófico com a inserção numa tradição de pensamento médico neo-galénica, em que ele se formou e dentro de cujo âmbito acaba por se enquadrar.

Tem de se realçar, desde logo, a importância do termo *examen*, o qual curiosamente não deixa de evocar a palavra grega *skepsis*, no léxico sanchesiano. Foi o vocábulo escolhido para o título da sua projectada grande obra, *Examen Rerum*. Aí o termo aparentemente se acharia aplicado ao estudo dos fenómenos naturais, ainda que tomados estes em acepção lata, mas não é por isso que o vocábulo deixa de estar privilegiadamente vinculado à observação clínica do paciente. Teórico, clínico e cientista, de certo modo empirista, Sanches, mostrou-se em seus escritos um filósofo-médico capaz de elaborar grandes sínteses e de tecer observações penetrantes em fórmulas lapidárias.

O seu contemporâneo ibérico Juan Huarte de San Juan, autor de uma obra que também se intitula *Examen*, o *Examen de Ingenios para las Ciencias*, quis explicar de uma peculiar maneira a dicotomia da teórica e da prática médicas. Via-as ele patente por exemplo nos casos contrastantes de “médicos mui grande letrados inábeis para curar” e de “outros [que], com poucas letras e só três ou quatro regras que aprenderam nas escolas sabem bem curar.”⁽¹⁴⁾ Sanches, como porventura o próprio Huarte, aparenta haver com alguma harmonia, mesmo que não haja atingido a impossível perfeição de que o médico navarro fala, sobressaído em ambos os domínios. Para Huarte, a teórica da medicina corresponde à memória e ao entendimento, e a prática à imaginação. Seria por motivos de vária ordem que ele expõe, recorrendo sobretudo a uma relativamente original teoria dos climas, que a variedade particular da potência imaginativa exigida para a excelência clínica se encontraria na sua opinião preferencialmente entre os médicos judeus, os quais não teriam semelhante primazia no campo da teórica médica.⁽¹⁵⁾

¹⁴ J. Huarte, *Examen de Ingenios para las Ciencias*, ed. G. Serés (Madrid, Cátedra, 1989 [1575, 1594]), p. 494.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, pp. 505-523.

Se Sanches se destaca como teórico e prático da medicina, não deixa de se poder notar que a conciliação entre a sua obra filosófica e a médica não é perfeita.

Poder-se-ia acaso conceber que esta divisão entre, por um lado, obras “filosóficas” e, por outro, médicas corresponde à contraposição entre clínica e teoria médica. Assim não se passa. A questão é bem mais complexa do que à primeira vista pode parecer. A separação entre filosofia e medicina, ainda que se evite encarar aquela de uma perspectiva anacrónica como se se tratasse da noção hodierna de filosofia, não coincide de modo algum com a distinção entre teoria e prática, a qual pode mesmo ser interna à própria consideração da arte médica. Em segundo lugar, há uma nítida assimetria entre as duas categorias de textos sanchesianos conhecidos no presente, ou seja, entre os publicados em vida do autor (o *Carmen de Cometa* e sobretudo o *Quod Nihil Scitur*) e os vindos a lume a título póstumo. Nesta última colectânea, em que se inclui uma nova tiragem da 1ª edição revista do *Quod Nihil Scitur*, não se vislumbra o perfeccionismo que caracteriza a obra de 1581, pese embora a sua índole isagógica e o seu entranhado intuito zetético, indissociável da atitude interrogativa que sempre acompanhou o autor. Em tal compilação, intitulada *Opera Medica*, os critérios editoriais revelam-se vagos e imprecisamente aplicados.

Será, contudo, errado querer justificar esta flagrante assimetria como um contraste entre uma obra “que representaria as dúvidas cépticas de um espírito jovem ainda em formação, cheio de suspicácia face à forma de ensinar em que cresceu,”⁽¹⁶⁾ o *Quod Nihil Scitur*, e textos que, perseguindo “o intento de superar as dúvidas cépticas e conseguir resultados para curar enfermidades e praticar da melhor maneira a medicina,” constituiriam “o legado de toda uma vida dedicada à profissão médica.”⁽¹⁷⁾

Na realidade, os textos dos *Opera Medica*, onde se deve frisar que se inclui uma reedição do *Quod Nihil Scitur* (a qual não vem apresentada ou minimizada como opúsculo de juventude nem é aí objecto de qualquer tentativa de relativização do seu valor), não estão datados nem tão-pouco, o que convém realçar como mais importante, desmentem de modo algum a postura céptica do Autor, entendida na sua peculiaridade.

¹⁶ M. Bermúdez, “Escepticismo y Medicina: La *Opera Medica* de Francisco Sánchez,” in Pedro Roche Arnas, ed., *El Pensamiento Político en la Edad Media* (Madrid, Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, 2010), p. 307.

¹⁷ *Ibid.*, pp. 307-308.

O cepticismo acompanha toda a obra sanchesiana e em nenhuma há indícios de haver sido abandonado ou rejeitado. O que leva alguns comentadores a procurar desesperadamente tal rejeição, encarando-a como uma espécie de superação, sem contudo encontrar apoio em textos de Sanches que o desmintam de veras, é, afinal, uma concepção errónea do seu cepticismo, assimilando-a a uma atitude extrema retrospectivamente projectada a partir do modelo pós-cartesiano. A *skepsis* de Francisco Sanches, porquanto mais mitigada que o que a muitos parece, consiste num fenomenismo empirista de cariz zetético, ligado a uma busca permanente e insaciável de verdade e a um aperfeiçoamento constante.¹⁸ A sua expressão emblemática é a fórmula interrogativa adoptada por Francisco Sanches.

Quid?, traduzível como “Quê?”, foi a inscrição escolhida por Francisco Sanches para terminar os seus escritos. Depois de 1581, no fim de cada trabalho, de cada investigação, a indicação da falta de fim. A última palavra: uma interrogação. E não qualquer interrogação. Antes, uma interrogação essencial, até porque uma interrogação da essência, a do *quid* das coisas.

Não se trata, pois, esta interrogação de uma marca apenas incidental ou acidental. É, em vez disso, o emblema de uma atitude filosófica, o sinal que melhor caracteriza a postura do Autor, como cientista, como médico, como escritor e como pensador, que melhor se coaduna com o teor dos seus trabalhos conhecidos, que melhor condiz com o tom dos seus textos e que mais cabal e adequadamente lhe exprime o propósito principal.

A escolha da interrogação para um papel de primeira ordem revela desde logo uma atitude de enorme curiosidade, a qual, pelo que sabemos de Sanches, era no seu caso verdadeiramente inexaurível. Possuía ele a par de uma tal curiosidade, de veras hiperbólica, que se assumia como insaciabilidade na procura intelectual perseguida, outros traços que podem servir para o qualificar de uma personalidade em muitos aspectos de recorte fáustico, pela ambição de saber universal e pela sua não pequena dose de virulenta desmesura. Algumas diferenças fundamentais em relação ao sábio alemão inspirador de famosas peças de teatro, incluindo as de Marlowe e Goethe, devem, porém, ser assinaladas. Assim, ao contrário do interlocutor de Mefistófeles, Sanches ostentou ao longo de toda a sua vida uma marcada aversão a tudo o que recendesse a artes mágicas ou ciências ocultas, reconhecendo

¹⁸ Ver R. B. Romão, *Quid?..., passim*.

apenas o domínio do divino como sobrenatural. Também o afasta de Fausto a posse de um decidido espírito prático. Outra coisa, afinal, não se esperaria de um tão competente clínico como ele deixou traços de haver sido. Mas um traço próprio seu pouco comum (em desacordo, por exemplo, com o que dizia Huarte sobre o assunto), é que a perícia clínica por que também se distinguiu se coadunava plenamente com a sua inquirição teórica. Sanches, de resto, mostrou, pelos testemunhos até nós chegados, saber conciliar a inquietação intelectual que o movia com uma vida aparentemente tranquila em família e em sociedade.

Mas a interrogação de Francisco Sanches não assinala apenas a curiosidade. Vai mais longe. Tão-pouco ela se cinge à marca tipográfica final que deixa tudo em aberto, que torna o texto a que se refere inconcluso na própria conclusão. A sua obra principal, *Quod Nihil Scitur*, por exemplo, acha-se repleta de interrogações. Também assim se mostram outros textos seus. Há páginas suas cujas frases quase pertencem apenas à classe interrogativa.

Associa-se comumente a interrogação ao lançamento de suspeita sobre aquilo a que se aplica, sobre o que põe em causa precisamente. No caso de Sanches, e da sua interrogação, vê-se que ele questiona tanto a matéria do seu discurso como este mesmo, retirando-lhe o estatuto de afirmação peremptória. Achemo-nos perante uma interrogação de âmbito generalizado. No entanto, ela defronta-se com um limite reconhecido como intransponível, o da fé, pelo que se pode dizer que essa interrogação não se transporta para a relação com o divino.

A interrogação sanchesiana dirá, portanto, respeito a tudo excepto ao que está para além do alcance da razão e que não se apresenta do seu domínio de aplicação. Não quer isto dizer que a interrogação se reduza programaticamente ao meramente humano e racional bem como ao simplesmente natural, mas, isso sim, que a razão, o humano e a natureza constituem o seu território de eleição.

Em todo o caso, nunca se deverá desvincular a atitude profunda e essencialmente interrogativa de Sanches do seu acrisolado e continuado amor da verdade. São duas faces de uma mesma moeda. Mais de uma vez testemunhou-nos ele esse seu amor (e toda a sua obra, afinal, que outra coisa será que uma enérgica declaração dele?) em textos nos quais o tom é dado pela junção da amargura adveniente da contemplação do triste espectáculo da insensatez e do egoísmo humanos ao impulso irresistível que o leva a uma obstinada perseguição da verdade, onde quer que ela se esconda. E assim

como a verdade o norteou e a demanda dela o motivou, assim também ele abominou o erro, em especial o voluntário, e repeliu a falsidade e a hipocrisia.

Os seus filhos, Guilherme e Dinis, responsáveis com Raimundo Delassus da edição póstuma dos *Opera Medica*, bem relevam tal traço do carácter do pai na dedicatória dirigida à sua memória: “Mercê [sc. a glória da imortalidade do nome] decerto não buscada pelo Autor e alheia a ele, ele a quem mais animava rechaçar a inveterada fraude da medicina através de bem curar do que obter para si singular louvor através do escrever bem.”⁽¹⁹⁾

Sanches parece tanto ter alimentado controvérsias e polémicas como delas se haver nutrido. O seu estilo apresenta-se ele mesmo como polémico. Associar-se-á porventura tal estilo com a aptidão para ver os dois lados de cada questão e debatê-los, ou seja com a discussão, a propósito de cada tópico, dos *pros* e dos *contras*. Na realidade, esse hábito, que remonta aos sofistas (e que acabou por ser conservado pela multimoda tradição céptica antiga), estava então igualmente consagrado pelas práticas universitárias escolásticas prevalecentes então.⁽²⁰⁾

A interrogação sanchesiana, em grande parte porque apoiada sobre essa capacidade de ver a argumentação concebível para defender uma posição a respeito de cada assunto bem assim como aquela necessária a atacar essa mesma posição, será tudo menos gratuita. Nada mais afastado de Sanches do que perguntar por perguntar! A sua interrogação constitui-se em postura, mas uma que traduz um permanente exame das coisas, levado a cabo de forma independente e em toda a possível liberdade. Não se trata de uma posição prévia que se imponha ao tratamento de cada tema, mas de uma disposição que se consolida através de um continuado olhar atento sobre as coisas.

A interrogação em si e a consideração de perspectivas antagónicas acerca das questões são, por conseguinte, duas facetas essenciais da atitude sanchesiana, que a pergunta “*Quid?*” emblematiza e que se associam ao exame atento e cuidado dos objectos de análise.

A atitude interrogativa, espicada por um espírito crítico excepcional, articula-se em Sanches com uma prática reveladora de estudo científico ordenado e especificamente dirigido, conferindo grande relevo à dimensão

¹⁹ D. & G. Sanches, “Aeternae Parentis Defunctis Memoriae ...,” in F. Sanches, *Opera Medica*, ã 2 [nossa tradução].

²⁰ Ver sobre o pensamento por opositos na Grécia Antiga, em especial, F. Gil, *Mimesis e Negação* (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984), pp. 160 ss.

experimental. Aliam-se eles ao culto do permanente exame, guiado, nos limites do reconhecimento da inevitável imperfeição e erro humanos, pela experiência e pelo juízo. Uma vez que a questão do método nos séculos XVI e XVII era das mais proeminentes nos meios filosóficos e científicos (a própria contestação feita a Aristóteles por alguns autores como Pierre de la Ramée acaba por incidir sobre a temática metodológica), torna-se difícil dissociar em Sanches a abordagem que dela acaba por fazer da sua mesma postura filosófica. Caracteriza-se esta por um carácter específico que faz com que a filosofia de Sanches se distinga com facilidade daquelas outras que muitos comentadores encararam como por ela prefiguradas.

Deve-se precisar, de resto que, desde que se viu em Sanches quer um precursor de Descartes e do seu método, quer, em leitura diferente, um autor que preconizou facetas essenciais da metodologia experimental do seu contemporâneo mais jovem Francis Bacon (que só muito mais tarde que o nosso autor é que se dedicou às pesquisas científicas e à publicação), é que a problemática metodológica passou em especial a ser vista como fulcro do pensamento do Bracarense.

Convirá, porém, ter a maior cautela em não contaminar com especulações radicadas em anacronismos a leitura de um autor tão interessante por si próprio e tão original quanto inovador na sua abordagem pessoal da ciência coeva. Deve-se estudar Sanches como Sanches, e não como um pré-cartesiano, nem como uma prefiguração lusitana de Francis Bacon, nem como um precursor de Hume ou Kant, nem, tão-pouco, como um distante renunciador de Claude Bernard. Não quero com isto dizer que algumas afinidades através dos tempos não sejam dignas de atenção e de consideração. Mas afinidades de pensamento são uma coisa, prenúncios impossíveis de se realizar antes de se acharem reunidas as condições que possibilitam a efectiva concretização do que se encara como renunciado, outra.

O confronto do pensamento sanchesiano com o cartesiano tem sido feito mais de uma vez, mas cremos que se encontra longe de estar esgotado, ou sequer, até devidamente explorado. Também em relação a Francis Bacon, mais naturalmente próximo de Sanches que Descartes de um ponto de vista cronológico e, em certos aspectos, de uma perspectiva histórica e científica, está por se estabelecer um estudo comparativo extenso dos dois filósofos que não se contente em confrontar interpretações tradicionais de qualquer deles.

Que o método sanchesiano não tenha ficado na história como um marco incontornável, seja por razões circunstanciais (a principal das quais consistirá em que o conhecemos apenas muito parcialmente) seja por razões essenciais, não nos deve impedir de, tanto quanto o possamos reconstituir, encarar as suas reflexões sobre questões metodológicas, assim como os testemunhos da sua prática em exercício nos tratados dos *Opera Medica*, como relevantes, quando situados no preciso tempo que foi o seu.

Se se mostra conveniente abordar com o maior cuidado a relação de Sanches com figuras da filosofia e da ciência contemporâneas e posteriores (excepto, claro está, nos casos daquelas que, como Leibniz, se lhe referem explicitamente), cautela semelhante nos deverá guiar na consideração do seu tratamento de autores anteriores. O caso mais importante concerne a Aristóteles. Deve-se evitar cair numa de duas posições extremas que são as mais correntes sobre o assunto.

A primeira, comum a quase todos os comentadores oitocentistas e novecentistas do autor, consiste em exagerar o anti-aristotelismo sanchesiano a ponto de o conceber como justificação única, ou quase única, da defesa de “que nada se sabe.” É o ponto de vista mais comum na historiografia filosófica sobre Sanches que se atém a uma leitura literal e por assim dizer “historicista” do que diz Sanches. Ele assim, por um lado é colocado a par de outros autores anti-peripatéticos quinhentistas, contenham eles ou não vertentes cépticas, como Juan Luís Vives, Gianfrancesco Pico della Mirandola, Pierre de La Ramée ou até Giordano Bruno. Por outro lado, este ponto de vista corta os horizontes do cepticismo de Francisco Sanches para o cingir a um momento meramente destrutivo necessário à preparação do terreno para a filosofia seiscentista, colocando-o, pois, por exemplo, como um auxiliar de Bacon, de Galileu e de Descartes. A ênfase posta por esta posição tem de cair forçosamente sobre o aspecto superável da *skepsis* sanchesiana como meramente destrutiva e redutível a um propósito limitado. Torna-se ela destarte apenas concebível quer na esteira agostiniana quer na antecipação próxima de Descartes ou na prefiguração mais remota de Hegel, como um momento provisório ou uma fase preliminar, que de um modo ou de outro contém em si a sua superação, que se autodestrói, pois. De qualquer maneira, estes dois pontos de vista coincidem na artificial e anacrónica divisão (mais explicitada ou menos) na obra e filosofia sanchesiana entre uma *pars destruens* a que se sucede uma *pars construens*. Ainda muito recentemente, quer no já

referido livro quer num artigo sobre a obra médica de Sanches,⁽²¹⁾ Manuel Bermúdez limita a um período de juventude céptico, de cariz destrutivo, o *Quod Nihil Scitur* e o *Carmen*, e considera a colectânea póstuma de textos publicados sob o título de *Opera Medica*, antes inéditos, como pertencentes a dois períodos contrapostos: “O QNS representa as dúvidas cépticas de um jovem ainda em formação, cheio de suspicácia para com a forma de ensinar em que cresce; as obras recolhidas em *Opera medica* são o intento de superar as dúvidas cépticas e conseguir resultados para curar enfermidades e praticar a medicina da melhor maneira.”⁽²²⁾ Todavia, na verdade nem os escritos dos *Opera Medica* negam alguma vez o cepticismo de Francisco Sanches nem, sobretudo, a *skepsis* explanada no *Quod Nihil Scitur* se mostra inconciliável com a medicina. Ao invés, assenta muita da sua especificidade precisamente em estar concebida como uma filosofia médica. Mesmo nos *Opera Medica*, em cuja introdução laudatória Delassus insiste no cepticismo nunca renunciado do seu mestre, e em que, de resto, os tratados filosóficos encerram a colectânea, o último deles consistindo justamente no *Quod Nihil Scitur* que se destaca pela sua posição, que não é a cronológica, os tratados e comentários concluem sempre com o emblema *Quid?*, associado amiúde a *Laus Deo Virginique Mariae*. De resto, a compilação ostenta logo no seu início o referido emblema, em grande destaque, à maneira de legenda do retrato do Autor.

A segunda posição extrema, embora já aflorada precedentemente, tem gozado em tempos recentes de grande voga. Enfatiza ela de tal modo o aristotelismo estrutural e involuntário do autor que tende a fazer com que praticamente se leia toda a sua filosofia à luz de tal enquadramento. Por exemplo, Gianni Paganini, no livro já referido, *Skepsis*, chega a dizer que, “embora seja impossível de satisfazer, o paradigma aristotélico não deixa de representar, ... para o próprio Sanches que o critica, uma referência obrigatória cujos pressupostos condicionam para ele toda a posição do problema da validade do conhecimento.”⁽²³⁾ Acontece, porém, que, precisamente, Sanches visa tais pressupostos e os mina por completo.

²¹ M. Bermúdez, “Escepticismo y Medicina: La *Opera Medica* de Francisco Sánchez,” in Pedro Roche Arnas, ed., *El Pensamiento Político en la Edad Media*, pp. 297-308.

²² *Ibid.*, pp. 307-308.

²³ G. Paganini, *Skepsis. Le Débat des Modernes sur le Scepticisme: Montaigne – Le Vayer – Campanella – Hobbes – Descartes – Bayle* (Paris, Vrin, 2008), p. 31.

Estes dois excessos são contrapostos mas, curiosamente, revelam-se conciliáveis e convergentes em certo sentido, pois ambos decididamente empolam a relação de Sanches com a filosofia peripatética, subordinando a sua *skepsis* a tal relação e coincidem numa tendência a diminuir-lhe a originalidade, através de uma contextualização histórico-filosófica. Radicam eles em duas incontornáveis circunstâncias: o anti-aristotelismo declarado de Sanches, por um lado, e, por outro, a existência de um ambiente aristotélico dominante nos meios intelectuais e universitários tolosanos, o qual não poderia deixar de marcar grande parte dos seus textos (sobretudo, os que se apresentam como comentários – ainda que, por vezes, avassaladoramente críticos – a Aristóteles e que tudo leva a crer que hajam derivado de cursos dados pelo Autor na Universidade de Toulouse, onde seria usual fazer tais comentários). Reconhecendo a simultaneidade destes dois elementos, há, porém, que encará-los de uma forma contida e relativizar-lhes o significado. Por um lado, tem de se ter em conta que o anti-aristotelismo sanchesiano justifica-se em grande parte por o pensamento dominante de então, quer no campo filosófico quer no científico, dentro e fora do mundo académico, ser aristotélico e que afinal não passa de apenas uma mera manifestação de antidogmatismo. Sanches, a propósito de inúmeros assuntos, tem mesmo de referir-se a Aristóteles, pois as lições deste, em variadas interpretações, eram o padrão obrigatório de referência. Se muitas vezes ele critica escolásticos contemporâneos, noutras ocasiões o seu alvo é mesmo o próprio Estagirita. Em todo o caso, referir um autor, em especial quando é contestado, não significa mover-se no âmbito do seu pensamento. Por outro lado, podemos observar que convém distinguir entre a adopção parcial e, por vezes, até estratégica de concepções e posições aristotélicas (ou de uma linguagem e de um enquadramento contextualizados por estas), que é o que ocasionalmente se pode verificar em Sanches, e a partilha de um aristotelismo fundamental e estrutural. Este, de resto, ele bem explicitamente o recusa, e não só no *Quod Nihil Scitur*. Mas o essencial para Sanches é visar os dogmatismos. O seu anti-aristotelismo é uma subespécie deste, cujo relevo se explica por razões circunstanciais.

Se a sua *skepsis* não faz essencialmente parte de um movimento quinhentista quase exclusivamente motivado pelo anti-escolasticismo, nem tão-pouco corresponde a uma fase destrutiva transitória conduzindo à sua refutação construtiva ou preluando um labor científico-prático que ela negaria, em que consiste, afinal?

Já percorremos a sua faceta fundamentalmente *zetética*, aludimos à sua concepção como filosofia médica e à junção na sua postura crítica, que o faz atentar particularmente no erro e na imperfeição da razão humana, de uma atitude interrogativa com uma prática idiossincrática da *antilogia* e uma procura de aprofundado exame dos fenómenos naturais e das coisas em geral, o qual vem a reflectir-se na exigência de uma arte de julgar, junta à experiência.⁽²⁴⁾ Alia-se a estas características a de homogeneidade que possui, integrando crítica e investigação científica, preocupação com questões metodológicas e nominalismo, a qual faz com que seja artificial e forçado considerá-la quer como fase preliminar de uma conjecturada filosofia construtiva, quer como *pars destruens* de uma filosofia parcial e hipoteticamente cartesiana *avant la lettre*, quer como divisível numa vertente destrutiva e noutra de cariz construtivo.

Não podemos deixar, à guisa de conclusão, de aludir ao cariz pessimista de que a filosofia de Sanches se reveste, a qual integra também uma concepção de distância abissal entre Deus e os homens e uma postura reflexiva sobre problemas de identidade, do indivíduo e da ambiguidade, componentes que podemos encarar como conotáveis com o influxo do pensamento judaico no pensamento filosófico e médico do dealbar da época moderna.

²⁴ Esta faceta essencial do cepticismo sanchesiano é em certa medida menosprezada por Gianni Paganini, por este a colar ao pirronismo, identificando Francisco Sanches como tendencialmente neo-académico, cf. G. Paganini, op. cit., p. 19.